

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

### PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO— ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.  
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 13125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.  
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 25000 RS.

### PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

### PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
NUMERO AVULSO 20 RS., CU 100 RS. NO BRAZIL.  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

## AVEIRO

### O ULTIMO BOTE

#### SUMARIO

Resumindo os nossos artigos anteriores, é evidente a má fé, a deslealdade, a apostasia e a traição do directorio. Se o directorio quizesse proceder sinceramente em bem da causa democratica, preferiria dar cohesão, disciplina e ordem ao partido republicano, a mendigar o auxilio do sr. Barjona de Freitas e a humilhar-nos a todos com as concessões da monarchia. Mesmo porque, admittida uma transformação tão grave nos processos politicos da democracia portugueza como essa de que vimos falando, nenhuma proposta em tal sentido seria admissivel sem que primeiro o partido estivesse organizado e compacto. Esse seria o primeiro trabalho e o primeiro serviço a prestar.

A má fé é evidente da não contestação por parte dos órgãos dirigentes ás affirmações positivas dos jornaes monarchicos antes da reunião do congresso. Os jornaes monarchicos affirmaram, sem hesitações, que os chefes republicanos estavam d'accordo com o sr. Barjona de Freitas sobre a constituição d'uma esquerda dynastica. Os periodicos republicanos, que obedecem ao directorio, em logar de negarem esse facto de forma a convencer o espirito publico, mais o vieram accentuar com uma resposta casuistica.

A má fé vê-se da circumstancia do sr. Consiglieri Pedroso, interrogado sobre as declarações dos periodicos realistas, ter dado no congresso a sua palavra de honra de que não existiam combinações nenhuma com os grupos monarchistas, quando horas depois o sr. Jacintho Nunes apresentava a sua proposta, sendo

certo que nem o sr. Consiglieri Pedroso ignorava tal proposta, nem é admissivel que ella não fosse precedida de combinações com qualquer grupo monarchico. E' clarissimo!

A má fé resalta, finalmente, da outra circumstancia do sr. Jacintho Nunes, peitada uma parte do congresso, só ter apresentado a sua proposta á uma hora da noite da ultima sessão, quando tinham sahido trinta congressistas, má fé que mais avulta quando nos lembrarmos da particularidade do directorio se ter opposto á proposta d'aquelle congressista que pedia que as sessões terminassem á meia noite, por isso que *depois d'essa hora não podiam permanecer na sala os congressistas das classes trabalhadoras.*

A deslealdade não deixa duvidas, se notarmos a azafama com que os diarios do corpo dirigente affirmam a coherencia dos chefes e a pureza do credo republicano, apesar da proposta jacinthacea, quando deixaram passar sem protesto aquelle artigo da *Folha do Povo* que no mez de maio ultimo censurava o rei por não ter chamado os republicanos ao poder.

A deslealdade é flagrante visto que pretendem justificar a proposta jacinthacea com a affirmação de que não visava senão a um accordo eleitoral, quando é sabido que os accordos eleitoraes foram sempre negociados pelo directorio independente de qualquer auctorisação, que não precisavam d'ella porque a tinham na lei organica do partido e de que tanto isso é pretexto futil e risivel que a proposta em questão nada deixa perceber a tal respeito, antes a sua redacção lata e confusa é a maior prova da deslealdade que lhe presidiu.

A apostasia surge das contradicções e opposição de doutrina em que cahiram todos os protectores e defensores da proposta. O sr. Jacintho Nunes, ha dois annos, não admittia os processos revolucionarios. Ha seis mezes era o maior revolucionario do

paiz. Hoje é o mais doce e o mais manso dos politicos. Foi evolução natural, a evolução scientifica, que se realizou no seu espirito? Não; a evolução não segue caminhos d'aquella natureza. E' falta de convicções.

O sr. Jacintho Nunes escreveu cem vezes, ou um milhão d'ellas, que todas as reformas e concessões da monarchia eram uma burla. N'isso fundou elle o fundo do directorio toda a sua propaganda. A monarchia, na opinião do directorio, sophismava e adulterava tudo. A monarchia expoliava o paiz. O rei concentrava em si todos os poderes e portanto baldadas eram as boas intenções de qualquer homem, supposto que as houvesse em algum dos dirigentes monarchistas. As eleições eram a vontade do rei e dos ministros e nunca a vontade do povo. Portanto a monarchia era incompativel com o progresso, a civilisação e a grandeza do paiz. Hoje, em vista da proposta jacinthacea, do que disseram d'ella os oradores que a defenderam no congresso e do que escrevem os jornalistas que a justificam nos jornaes, as reformas e as concessões da monarchia não são uma burla, porque só ellas poderão impulsionar o movimento democratico; não sophismam nem adulteram cousa alguma, porque só d'ellas poderá advir o desafogo e a grandeza do partido republicano; a monarchia é instituição ainda necessaria e ainda util, porque só ella n'este momento pode dar folego e vida a um grande ideal de rehabilitação e de justiça; não são baldadas as boas intenções de qualquer politico monarchico, por isso que confiam nas boas intenções do sr. Barjona de Freitas; a copa do chapéu alto dos ministros passou a ser arca sacratissima de que sahirão deputados duas duzias de republicanos. Logo a monarchia é compativel com o progresso e com a civilisação portugueza! Logo os dirigentes republicanos apostataram de tudo quanto escreveram, quanto fizeram, quan-

to disseram e quanto ensinaram. Apostasia, é o nome claro, logico, concludente, indiscutivel!

E posta a má fé, e posta a deslealdade, e provada a apostasia, a traição é a consequencia natural d'essas premicias, traição que mais revolta quando o directorio fala em insufficiencia de processos empregados, sendo manifesto que a sua direcção tem sido damninha sob qualquer ponto de vista que se estude, enquanto que a dedicacão do partido tem sido illimitada e generosissima.

O resultado forçado que d'aqui deriva é a necessidade dos republicanos convictos se unirem para a constituição e homogeneidade do partido. Não se trata agora de grupos nem de divisões. Os chefes foram-se, com a parcella que nós combatemos sempre n'este periodico, a parcella ou facção que viveu constantemente de caluniar os outros, facção sem dignidade e sem vislumbres de principios. Por conseguinte a divisão que esses mariolas tanto fingiam temer, aquella divisão de que ainda a *Folha do Povo* desavergonhada dizia ha dias que quem a fizesse trabalhava *conscientemente ou inconscientemente* no interesse da monarchia, fizeram-na elles chefes, com cotterie, *Seculo, Folha do Povo* e tudo. E fizeram-na *conscientemente*, que é o mais!

O partido republicano dividiu-se em duas partes. Uma é a dos ambiciosos, dos soffregos, dos impacientes, dos nullos, isto é, a dos tratantes. Essa foi para a monarchia. Ainda que se finja n'este instante republicana, como se fingem ainda os dirigentes, o facto é que perden a confiança e a auctoridade para tudo. A outra é a dos republicanos que querem conservar intacta a honra da sua causa e intemerata a pureza dos seus principios. E' esta que precisa de se constituir e de se fortalecer para a lucta, força e constituição que as circumstancias criticas do momento requerem com uma urgencia immediata.

Qual é o caminho a seguir? A divisão dos republicanos, que fi-

caram, em varios grupos que depois pactuam ou se alliam? Pode ser, mas talvez não seja o caminho mais pratico e mais conveniente. Se é possível, como é, redigir-se um programma que encerre os topicos principaes de todas as aspirações, programma adequado ao exercicio de governo logo que caia a monarchia, pode ficar cada um com as suas reivindicacões, que em muitos já são bem conhecidas, para a propaganda individual, se a quizer, e para uma applicação futura, e no momento presente unirem-se todos para um combate tenaz á monarchia.

Seja como for, o que é preciso é que os republicanos se lembrem que depois da proposta Jacintho os chefes perderam o prestigio todo no paiz. Ainda que parem, que não param, no caminho em que entraram de debandada para a monarchia, o facto, como acima expozemos, é que está provada a sua má fé, a sua deslealdade, a sua apostasia, a sua traição para com o movimento democratico. E então onde estiverem, não podem estar os verdadeiros republicanos. Se elles se vão de todo para a monarchia, dejetados do sr. Barjona de Freitas ou ministros do sr. D. Luiz, muito bem, que está a difficuldade resolvida. Se se fingem ainda cá, não é senão para acabar de inutilisar o partido republicano e n'esses casos, ou a maioria os apeia, ou o partido continua impotente para tudo, dando um spectaculo vergonhoso ao paiz. Siga a maioria d'estes rumos o que lhe agrada. Se tem coragem, perspicacia e sinceridade que lucte, e vem ahi um congresso onde pode luctar bem á vontade, e vencerá. Se sofre da doença que enferma quasi toda a sociedade portugueza, Deus lhe dê allivio e a tenha na sua santa guarda.

Nós ficaremos onde sempre temos estado.

posto, é-lhe mais que tudo preciso um espirito cultivado. A mulher não deve esquecer que é alegria, encanto e recreação da familia: consiste o grande principio da politica domestica em fazer parecer ao marido mais agradável o interior de sua casa do que o dos outros. E' pois até certo ponto o agrado um dos deveres da mulher. Quando mesmo este dote não tivesse por si merecimento algum e pouco valor desse a quem o possuísse, seria ainda assim de grande preço para quem o tem, pela influencia que exerce na felicidade dos outros. Ora o que mais encanto dá á intimidade da familia é a cultura do espirito. (1) A intimidade, que tem tantos encantos, tem tambem seus momentos de aborrecimento e secura: estão sujeitos a isto os mais elevados sentimentos, sem exceptuarmos a piedade, e com muita mais razão os sentimentos humanos. A intimidade é indiscreta, trahes os defeitos e erros de cada um.

(Continua.) PAULO JANET.

(1) Um espirito cultivado, diz Rousseau, basta para tornar agradável a convivencia, e é bem triste que um pae de familia, que ama o interior de sua casa, se veja obrigado a estar só consigo mesmo não se podendo fazer ouvir por ninguém.

## FOLHETIM

### A FAMILIA

#### LIÇÕES DE PHILOSOFIA MORAL

(Continuação)

A escolha dos criados deve pois merecer attenção especial á dona de casa. Mas do nada serve escolher bem e acertar, se se ignorar o modo de dirigir e governar. E' difficil e não é commum esta sciencia: está no meio termo entre a indifferença e a perseguição. A dona de casa deve ter sempre os olhos bem abertos, mas deve igualmente saber que ninguém gosta de fazer bem, se se lhe não dá certa liberdade, Vigilancia e confiança, taes são os dois principios d'um governo domestico illustrado. Sem a primeira, o engano se dá; sem a segunda, enganamo-nos a nós mesmos privando o criado do mais vigoroso impulso da actividade humana,—responsabilidade e probidade.

Mas por maior cautidão e escrupulo que a dona da casa ponha na escolha e direcção dos criados não deve esquecer o principio, de que essas pessoas, apesar da humildade de seu estado, são creaturas humanas e racionais, que devem ser tratadas com respeito e carinho. Nada ha mais injusto do que algumas mulheres, que não toleram que os criados tenham defeitos, e não querem mesmo acreditar que a inferioridade de educação é já fonte de ideias falsas, cujas consequencias devem reflectir-se no caracter. Parece que as qualidades dos criados são dvida cujo pagamento se lhes não leva a bem, e os defeitos, deficit com que nos prejudicam, e que nos dá direito de lh'o exprobrar constantemente como injusta. Parece tambem que é facil o trabalho dos criados. Como não ha nada mais facil do que criar uma phantasia, supõe-se que é facilissimo adivinhar a o satisfazer-a. N'isso va grande erro: e para nós convencermos d'ello bastará perguntar á consciencia se cumpre escrupulosamente todas as suas obrigações. E' verdade que muitas vezes estas mulheres são difficil de contar tão exactamente as mais ociosas; mas era por isso mesmo que mais indulgencia deviam ter para com creaturas voltadas ao trabalho e condemnadas á dolorosa necessidade de servir os outros.

Deve confessar-se que este novo estado social não tem sido muito favoravel á condição dos criados. Outrora era o criado uma especie de vassallo, e, na origem, era o proprio vassallo. Mas em compensação era um dos membros da familia: jantava á mesa dos amos e tomava parte nos serões. Desde que o criado se fez homem livre, fixou-se-lhe lugar na cosinha ou na ante-sala; deixou de fazer parte da casa. Existe, ha tempos, uma lucta surda entre criados e amos: estes são orgulhosos e aquelles infelizes: nada ha entre elles de intimo ou paternal; aridos contractos tão facilmente feitos como rapidamente quebrados, serviço exacto mas sem dedicacão, completa indifferença de ambas as partes, eis ahi o que são hoje as relações entre criados e amos. Ora, é grave este estado para a familia, para as creanças especialmente, e para os proprios criados. Estes corrompem-se por suas constantes e perpetuas mudanças; casados, separam-se e servem em casas diversas; afastam mesmo os filhos para se não incommodarem; assim o seu fto principal, quando são prudentes, é reunir o mais cedo, possivel com que possam retirar-se e formar tambem a sua casa: a abição louvavel, é verdade, mas que fica muito cara aos amos. Pertence á mulher fazer com que o criado esfime a casa, e para isto é

precisa confiança, benevolencia e indulgencia, conseguindo-se fidelidade e discricção por um procedimento meigo e firme: assim ella contribuirá muito para a felicidade da familia, tranquillidade do marido, innocencia dos filhos e melhoramento dos criados do qual lhe compete até certo ponto alguma responsabilidade. Reviveriam então algumas d'essas familias patriarchaes em que o pae e a mãe tratavam os criados quasi como filhos, dando-lhes educação religiosa e moral, destinando-lhes sempre uma geira de terra para repouso de seus velhos dias: renasceriam esses criados velhos, ruinas d'um tempo que passou, hospedes inseparaveis do lar, e que, passando de geração em geração, embalavam ainda os filhos d'aquelles cujos paes haviam servido. E' portanto o governo da casa delicado e magestoso encargo para a mulher. Não que lhe seja forçada obrigação; cumpre que o aceite como dever e como prazer, e então nada haverá melhor; mas tambem que o prazer não degenerem em mania: que a mulher seja ama e não criada, que não seja só dispenseira do homem, mas tambem sua companheira d'espirito. O homem fatigado e aborrecido entra em casa para buscar repouso e socorro. Não lhe basta um interior bem arranjado, nem mesmo luxuosamente

O *Diario Popular* se começou mal continua peor. Ninguém se confessa aqui adversário acerrimo da cavallaria. Ninguém disse aqui que se oppunha ao seu desenvolvimento. Ninguém escreveu aqui que a infantaria podia viver sem o auxilio da cavallaria. Emfim, ninguém falou na arma d'artilheria. O que está escripto é isto, e isto é o contrario de tudo quanto avança o *Diario Popular*:

«Não nos move nenhuma animosidade contra a cavallaria. Ao contrario, tem todas as nossas sympathias, nem ella tem culpa das imprudencias de qualquer articulista.

Sem duvida que todas as armas tem o direito de pedir o seu aperfeiçoamento e o seu desenvolvimento. Mas o que nenhuma tem é o direito de confundir os quadros das outras. Peça a cavallaria o que fôr regular e o que fôr justo, que terá os applausos de todos.

E' inútil a cavallaria? Não; mas simples auxiliar simples auxiliar se deve manter para todos os effeitos.»

Portanto, já vê o *Diario Popular* que não nos pode accusar de inimigo acerrimo da cavallaria. Já vê que não é preciso que a sua prosa insossa nos venha convencer de que «tanto na guerra como na paz a infantaria carece do auxilio e da cooperação da cavallaria». Já vê que nenhum infante lhe disse «que em nome dos principios e do estado financeiro do paiz, nós não devemos pedir e elle não pode consentir que se pense em desenvolver a cavallaria.» Salvo se confunde augmento com desenvolvimento, como confundiu *preterir* com outra cousa qualquer, como confunde o que dissemos com aquillo que não dissemos. Então deixe-se o articulista de escrever para o publico e de argumentar com os outros, que compromette o jornal ao sr. ministro da fazenda.

De resto, como ainda não respondeu uma palavra ao que lhe contestamos, se bem que promette continuar, esperemos até domingo a vêr se n'esse dia lhe podemos applicar o correctivo final.

Mas não se esqueça, ouviu? Não torne a attribuir aos outros aquillo que elles não escreveram. São armas que o ferem de morte, porque demonstram a todos, além do mau sentimento que possam representar, que não tem argumentos pa a se defender.

E nós lhe daremos as questões de palavras e as questões de principios!

## A PENNA DE MORTE

Até Spencer, o grande Spencer, o director da mentalidade europeia, tão gabado pelo sr. José Carvi, mas pelo visto tão seu conhecido como é nosso a magestade da China, é partidario da pena de morte. Se o tiveram sabido os carvistas!... Eram capazes de se nos ter anticipado, n'este combate em que vamos, a gritar pela pena de morte. Spencer a defender a pena de morte e elles a exclamarem com ares de doutor de capello que a pena de morte não tem justificação alguma nem perante a consciencia humana nem perante a razão! Decididamente mettem-se em camisa de vinte e duas varas, aquelle sr. José Carvi. Ah! que tal não faria se elle sobera da opinião de tanta notabilidade scientifica que ahi fica citada. Elle, que só é partidario da incompatibilidade legislativa dos funcionarios do estado porque o é o sr. Pi y Margall. E então, como nos julgou sózinho com o sr. Ferraz de Macedo, catrapuz, catrapoz, ahi veio de lança em riste para nos espetar. Cavalleiro da fabula, mais infeliz que o heroe de Cervantes!

Spencer affirma que a philanthropia exaggerada e mal comprehendida é anti-social e que vale

mais, para uma sociedade, deixar desaparecer os preguiçosos, os criminosos e os imbecis que sustental-os. E acrescenta: «Se os beneficios recebidos por cada individuo fossem proporcionaes á sua inferioridade, se, por consequencia, a multiplicação dos individuos inferiores fosse favorecida e a multiplicação dos individuos superiores dificultada, resultaria d'ahi uma degenerescencia progressiva... enquanto que o bem estar da humanidade existente e o progresso para a perfeição final seriam assegurados um e outro por uma disciplina severa mas benefica, a que toda a natureza animada está sujeita, disciplina terrivel, lei inexoravel, que conduzem á felicidade sem complacencias.»

Bordier, o illustre auctor da *Geographia Medica* e da *Vida das Sociedades*, professor na escola de anthropologia de Pariz, commentando as palavras de Spencer, escreve: «Aquillo repugna sem duvida ao nosso sentimentalismo; mas, estudando friamente as condições do meio social, somos levados a concordar que a protecção só é conveniente ás sociedades na infancia como aos homens na meninice. N'essa idade, os beneficios e os cuidados estão na razão da propria fraqueza. Mas já não é assim com os homens e com as sociedades adultas; n'esses devem ser distribuidos na razão do merito. A philanthropia pode ser uma virtude, mas não é uma força social. Se os paizes civilizados empregassem todo o dinheiro que gastam a sustentar os inúteis e os maus, d'uma maneira preventiva para que não nascessem esses inaus, julgo que seria maior a virtude e mais consideravel o beneficio.»

Como Bordier explica n'outra parte, combater a philanthropia não é pedir a crueldade para os fracos. E' pedir um termo para essa complacencia infame dos pobres de espirito por quantos miseráveis perturbam o mecanismo regular do organismo social.

Maudsley combate a pena de morte para os loucos. Perfeitamente d'accordo. Mas se Maudsley se limita a combater a pena de morte para os não loucos, é porque Maudsley aceita a pena de morte para os não loucos. Senão combateria sem restricções, na generalidade. E tanto que Maudsley exclama: — «A força poderia ser d'alguma utilidade se evitasse que outros individuos enlouquecessem, o que ninguém ainda sustentou até hoje; o argumento que, para justificar a execução d'esses desgraçados, invoca o interesse social, seria irrefutavel se a sociedade não tivesse outros meios efficazes de se proteger.»

Ora a força evita sem duvida que muitos individuos se lancem no caminho do crime. E' bem certo o dictado popular:—o medo guarda a vinha. Quantos homens se não cohibem de commetter crimes pelo medo do castigo? Negativo, seria fechar os olhos ao que a evidencia nos mostra todos os dias. A lembrança da mulher, a lembrança dos filhos basta para arredar metade dos homens da acção criminosa. E a prova é que as estatisticas inculcam a um milhão d'individuos os seguintes criminosos:—celibatarios 403; viuvos sem filhos 262; viuvos com filhos 237; casados sem filhos 227; casados com filhos 186. Isto é, são estes ultimos os que mais se cohibem. O que quer dizer que o exemplo e as necessidades sociais são um factor volitivo de primeira ordem, mesmo admittida a negação do livre arbitrio. E' sabido o desprante com que o criminoso portuguez exclama, ou o individuo que já vae escorregando no declive criminoso: — em Africa também se come pão! Come e ahi vae a maior condemnação do nosso codigo penal. Um codigo que, pelas suas branduras estupidas, produz pelo menos um terço dos criminosos existentes. Se o espectro da força não assusta e espanta os delinquentes natos,

espanta muitos dos delinquentes por habito, ou aquelles que não tendo as deformações craneanas dos primeiros, chegam de crime em crime e delicto em delicto ao mesmo grau de cynismo e perversidade, como o fadista por exemplo. Criminoso por habito, que não é o mesmo que criminoso nato, nem o mesmo que criminoso epileptico. São tres especies distinctas. Ora postos estes factos, a força é util, na opinião de Maudsley, para os criminosos por habito. A força, na opinião do mesmo eminente professor, é indiscutivel para os criminosos natos, por isso que a sociedade, como temos demonstrado nos artigos anteriores, não tem outro meio efficaz de se proteger contra elles.

Não sophismamos; esta é a conclusão logica a tirar das doutrinas de Maudsley. Maudsley não só não combate a pena de morte para os não loucos, como parece aceita-la só pela circumstancia de a não discutir na generalidade e como de facto a aceita pelas considerações que para os loucos lhe faz. Maudsley admite e justifica a pena de morte para duas especies de criminosos. E' quanto nos basta.

Por consequente, só André Lefèvre a combate decididamente no seu, aliaz excellento, tratado de philosophia. Foi n'elle que os carvistas se fundaram, porque não lêem outro, e que o plagiaram, para as banar a les que disseram. Mas, infelizmente, André Lefèvre, apesar de ser uma capacidade, não tem, n'esta especialidade scientifica de que estamos tratando, os conhecimentos necessarios para se poder pronunciar sobre a pena de morte. E por isso cahiu nos erros e escreveu as tolices que vamos vêr.

«A repressão, com effeito, não tem por fim senão preservar as sociedades das reincidencias, dando uma satisfação bastante á necessidade de vingança que nutre a victima. Que importa que esse duplo objecto seja conseguido pela supressão ou pelo desterro do culpado?»

Ora isto não é serio n'um homem que estuda. Nem a vingança pessoal deve entrar para nada no castigo, porque o sentimento que o dicta é um sentimento diverso, nem um escriptor de merito exclama em negocios tão graves—que importa que se mate ou não mate o criminoso?—nem um reformador serio colonisa paizes longinquos com assassinos da peor especie, nem a sociedade fica livre das reincidencias o desterro.

«Muitos criminalistas tem demonstrado que o cadafalso produz tantos assassinos quantos elle suprime.» Isto é um redondo disparate e um verdadeiro estenderete. E' contestar o effeito moral da repressão, do que não nos podemos senão rir, nós todos que vemos esse effeito nas acções de cada hora, já sobre os adultos, já sobre as crianças, já sobre os loucos, já sobre os proprios animaes. «O que seria de nós, exclama um director de hospital d'alienados, se não fóra a repressão?» Se o cadafalso produz um ou outro assassino, é um caso excepcionalissimo e em individuos de uma constituição extraordinariamente pathologica, caso que não altera em nada a regra geral, mesmo porque essas constituições são constituições de tal forma criminosas que o germen do crime não lhe poderia ficar latente. Desenvolver-se-lha á primeira circumstancia a lequada.

«Os assassinos não desaparecerão nunca da face do mundo. Argumento tão triste para combater a pena de morte, que até espanta n'um homem como André Lefèvre! Entretanto, nos delictos de habito, a pena de morte pode ter, sob o ponto de vista social, uma utilidade certa, mas restricta e momentanea, porque a sociedade tem a educação e um sabio emprego da penalidade para diminuir os criminosos.» Cá

está a escola dos comtistas, que receita a educação como remedio para tudo. Ora a sociedade não tem tal a educação como meio de diminuir criminosos. Ve-se que André Lefèvre não tem ideia dos chamados criminosos natos, admittidos por todos os sabios modernos. A educação não diminue criminosos; a educação pode prevenir criminosos, o que faz sua differença; mas nem diminue nem previne os criminosos de character. Disse-o Maudsley muito bem; temo-lo nós provado até á sociedade nos artigos anteriores. Na pratica quotidiana, e é preciso que a gente não deixe a terra para reformar e legislar da lua, que então é legislar e reformar torto como tem succedido multissimas vezes com homens que se dizem eminentes, todo o mundo encontra analfabetos d'um character nobilissimo e homens illustrados e educados que são verdadeiros tratantes. A educação pode modificar, mas nunca altera o character. As actuaes penitenciaras estão cheias dos livros que Lefèvre requer para as prisões. E quantos criminosos se tem regenerado? Nem chegam a dar a percentagem de 1 sobre 1000.

Logo, destruida essa allegação, a pena de morte fica uma utilidade certa, na phrase de Lefèvre, não momentanea e restricta, mas permanente, larga e fructifera. E os leitores hão de reconhecer que enquanto os que atacam a pena de morte não tem senão banalidades e subterfugios para argumentar, os que a defendem fazem-no com argumentação lucida, cerrada, irrespondivel. Isso é que vale.

Terminaremos.

Apostatar, segundo qualquer dictionario, é o acto d'abandonar uma opinião ou doutrina. Mas o directorio republicano disse, escreveu e teimou que quem mandava e governava em Portugal era o rei. Logo não faz senão praticar um acto de verdadeira apostasia quando diz hoje que os republicanos, ou o sr. Barjona, nos farão concessões democraticas se forem ao poder!

Mas o directorio, isto é, os individuos que o constituem, disse, escreveu e teimou que baldadas seriam as boas intenções de todos os politicos com o sr. D. Luiz de Bragança. Logo o directorio não faz senão praticar um acto d'apostasia indecente, porque além de tudo confessa-se calumniador, mentiroso e trapaceiro, admittindo hoje que o sr. D. Luiz de Bragança possa sancionar uma parte das reivindicções republicanas!

Mas o directorio disse, escreveu e teimou que a monarchia era incompativel com todas as reformas de liberdade e progresso. Logo o directorio não faz outra cousa senão praticar um acto d'apostasia pelintra, defendendo n'este instante a necessidade d'acceitarmos a monarchia para a realização das reformas mais urgentes.

Não vê o *Damião de Goes* que isto é clarissimo como a agua brilhante que cahê das montanhas que lhe cercam a porta?

«Ministros da monarchia e não ministros do rei!» Dá vontade de rir esta distincção casuistica para aquelles senhores. Elles, que nunca consideraram nem viram a monarchia senão pelo rei, que descompunham a todas as horas. Elles, que nunca souberam outra propaganda senão chamar ladrão ao rei. Elles, que preferiram sempre discutir a individualidade realista a discutir principios. O rei era tudo e a monarchia não era nada. Porem hoje, que se prepararam para possuir o cofre das graças, serão ministros da monarchia mas não ministros do rei!!!!

Engana-se, collega *Damião de Goes*. Ministros do rei é que elles hão de ser, em nome do codigo fundamental das instituições monarchistas. Ministros do rei, porque, segundo o art. 71, capitulo

I, titulo V da carta constitucional, o rei é a chave de toda a organização politica. Porque, segundo o § 4.º do art. 74, o rei dissolve a camara dos deputados quando entenda. Porque, segundo o § 5.º do art. 74, o rei nomeia e demitte livremente os ministros. Já vê que sendo o rei a chave de toda a organização politica, só elle pode abrir e fechar a porta ao sr. Jacintho Nunes. Já vê que dissolvendo o rei a camara dos deputados quando entenda, a representação nacional ha de ser o que sua magestade quizer. Já vê que nomeando e demittindo o rei livremente os ministros, o sr. Theophilo Braga, o sr. Consiglieri Pedroso, o sr. José Elias Garcia e mais tratantes da sucia só serão ministros por obra e graça do sr. D. Luiz de Bragança, ministros quando lhe convenha e enquanto lhe convenham. E por ultimo, tendo o rei o direito de veto pelo artigo 59 da mesma carta constitucional, debalde a camara legislará com sabedoria se o rei não estiver d'accordo com ella.

Então, são apostatas ou não são apostatas? Apostatas, vendidos, renegados, que mentem ás melhores intenções, que falseiam todos os principios e que escarnecem de tudo quanto escreveram, quanto disseram e quanto affirmaram.

Os meus ministros, exclama o rei em todos os actos publicos! E ha de ser nos degraus do throno que o sr. Jacintho Nunes ha de beijar constricto a mão do seu soberano! E ha de ser no despacho official que o sr. Consiglieri Pedroso receberá admoestações e conselhos de quem tanto berrou e vociferou! E ha de ser alli que o sr. Theophilo Braga será investido cavalleiro de todas as indignidades!

Ministros da monarchia e não ministros do rei, diz o *Damião de Goes*. Pois, supponhâmos collega. Supponhâmos que era isso. Mas quem é ministro da monarchia não pode ser republicano. Pois não vê que é assim, collega? Não vê que é uma questão de ser ou não ser? Pois qual é o principio da politica republicana? Não é a incompatibilidade do progresso com a forma monarchica? Nós julgamos a monarchia prejudicial á felicidade do paiz e ao bem da humanidade. E por isso não a queremos, nem a accetamos, nem a reconhecemos, como governo incompativel com a evolução dos povos. Se nos aproveitamos d'ella para caminhar, se achamos possível dentro d'ella as reformas democraticas, é porque ella é um systema d'evolução ainda preciso n'este instante da vida portugueza e então não tem razão de ser o partido republicano. E' um partido condemnavel, é um partido criminoso. Pois não vê isto o collega?

O collega está certo, exclama, de que nós proprios nos collocariamos ao lado da monarchia para obtermos, por exemplo, uma perfeita organização do exercito se fosse ministro da monarchia um Passos Manuel. Pois se está tão certo das boas intenções dos chefes republicanos, como está certo d'isso, desde já nos declaramos satisfeitos, porque está completamente enganado. Ao lado da monarchia, nunca. Se nós fomos deputado, sem duvida que não regateariamos na camara o nosso voto a qualquer ministro que tentasse uma reforma rasgada em qualquer ramo da actividade nacional. Como jornalista, não deixaremos de proceder na mesma conformidade. Mas aceitar para isso uma pasta de ministro ou um lugar de deputado, isso nunca. Ministro por mercê do rei ou deputado por mercê do ministro para collaborar em reformas, isso nunca, porque vê-se á priori que seria uma cilada infame. Para que precisam elles d'estranhos? Se as reformas são boas, que as façam, que é o seu dever e que se contentem com o applauso insuspeito de todos os partidos. Chamar para tal fim os

republicanos seria risivel se não se comprehendesse o proposito.

Emfim, nós fazemos justiça ás intenções do collega e estamos certos de que é por demasiada ingenuidade que cahe n'estas contraliecões. O collega combate decididamente a proposta Jacinto e é quanto basta para provar o seu republicanismo. Mas no fundo custa-lhe a acceitar a infamia que a dictou e levado pela sua boa fé e caracter vae até proferir heresias no sentido de socegar a sua consciencia desconfiada, desconfiança que se nota a cada passo nas suas palavras. E então espera pelo tempo para que se desilluda. Não precisa, porque as intenções são tudo e as intenções dos chefes já ficaram reveladas. Ou elles venham ou não venham a ser ministros do sr. D. Luiz de Bragança, no que se tem passado ha já motivo de sobra para se classificarem d'apostatas, renegados e traidores. Mas uma vez que o collega é tão difficil de convencer, espere pelo tempo que elle lhe tirará as ultimas illusões que possue.

Um correspondente do Diario de Noticias, seguindo o exemplo dos jornaes progressistas da terra, mandou d'Aveiro um telegrama para aquelle jornal dizendo que reina o maior enthusiasmo na cidade pela visita da familia real. Ora os sabujos! Ora os trapaceiros!

Querem vêr que a cidade de Aveiro é capaz de mostrar á familia real que não tem nenhum enthusiasmo pelas suas pessoas? Querem vêr que os sabujos ainda se arrependem da mentirota e do servilismo?

Depois queixem-se. Prudencia, que a prudencia não faz mal a ninguém.

Carta da Bairrada

Selembro 24.

Terminaram as vindimas em toda a Bairrada. A qualidade do vinho é excellente, como se presumia em vista do estado de completa maturação que as uvas tinham atingido.

O tempo do córte correu o mais favoravel possível para os vinhateiros. A colheita fez-se sem chuvas, de 12 a 21 do corrente, por um sol esplendido, que alegrava os vindimadores e realçava ao mesmo tempo a perfeita sasão dos cachos.

Em quantidade a Bairrada terá talvez um terço a maior da producção do anno passado, que foi pequena, como é sabido.

Não ha por ora preços abertos para os vinhos novos.

Fizeram-se por conta de varios negociantes do Porto muitas gepopigas e vinhos aguardentados, mas sem preço estabelecido.

Diz-se que na passagem do comboyo que conduz no dia 25 o rei e o seu sequito para o Porto haverá musica e foguetes na estação de Mogofores por ordem do sr. presidente do conselho, antigo deputado pelo circulo de Anadia, hoje enfeudado ao seu particular e secretario com grande contentamento das influencias da localidade.

A Bairrada está muito no caso de correr a foguetes n'estes tempos calamitosos em que a phyloxera caminha a passos agigantados...

COMMUNICADO

Um padre que quer mais Africa

Magro, alto, feio como um bode, emfim o terror de todos na freguezia de Gacia, ameaça os seus collegas com socos, aos parochianos diz-lhe que já esteve em Africa, quer dizer, que em lhe calhando faz alguma... a algum

parochiano para ir para onde já esteve, porque é lá que elle pertence e não aqui a pastorear brancos; mas ao povo assiste-lhe o direito de corrigir procedimentos de tal natureza.

Infeliz freguezia, que só te dão para teus directores espirituaes padres vindos da Africa e outros que já em epochas passadas foram julgados prejudiciaes aos bons sentimentos humanos!

Pois bem. Continuemos a expôr ao povo e a mais algum, se nos quizerem ler, as façanhas d'este heroe de batina, para vergonha d'este povo que ainda o tolera, e para lhe authenticar o processo que o ha de condemnar a uma jaula do Jardim Zoologico

Elle não quer fazer serviço algum na egreja aos domingos aos parochianos, porque diz que esses dias os tem reservados para seus passeios, proceder este que tem levantado a reacção da parte do povo, porque toda esta gente são lavradores que trabalham e só aos domingos podem cumprir com alguns deveres da egreja.

Mais. Não vae muito longe que morreu na freguezia uma mulher que em vida viveu muito pobre, não deixando, portanto, valores para pagar o seu enterro. O parochio foi avisado para a enterrar por esmola, e a resposta foi que não trabalhava de graça; teve de ser acompanhada por um outro padre da terra, que se prestou a isso.

Mas temos mais. Bem recente está um facto, e este é mais característico: um rapaz que pretendia casar-se foi ter com o prior, porque n'esta terra infelizmente os parochios são agentes de casamentos, e pediu-lhe a urgencia do negocio porque desejava casar-se n'um certo dia. Agora a resposta do padre: «Você se queria estar casado n'es se dia perdesse menos tempo a embebedar-se pelas tabernas!» Ora se este parochiano comprehendesse bem o quanto devia á sua dignidade e aos seus brios, quaes as consequencias d'esta atrevida provocação?

Pois já é tempo que vós, povo de Gacia, vos emancipéis d'esta gente, porque onde está o padre está o interesse illicito, a immoralidade, o vicio, o desalento para a vida, emfim o canero da sociedade.

Sabeis bem que a egreja no seu proprio interesse e na ambicão da sua siza não ha muitos annos que fez espalhar por toda a parte onde a ignorancia impera mais os seus missionarios, os quaes tambem aqui tivemos. Agora pergunto: qual foi o resultado de todas essas missões em que tanto andavam empenhados esses jesuitas para converter todos e todas ao céu? O resultado foi o seguinte:

1.º Amamentar um exercito de mulheres que elles traziam atraz de si, vendendo rezas, com o Christo dependurado, em barracas que mais pareciam as do pim, pam, pum, na feira das Amoreiras, do que outra cousa.

2.º Levarem aos lares das familias mais honestas a prostituição; temos, por exemplo, Angeja, que n'este ponto foi a que soffreu mais.

3.º Essa grande emigração de raparigas que elles arregimentaram e levaram para França, a pretexto d'irem professor... e, note-se, preferiam as mais bonitas e as que tinham fortuna,—infelizes que voltaram desgraçadas, sem honra, sem brio, miseraveis, sem terem que comer, quasi nhas, mendigando uma esmola para matarem a fome e cobrirem as carnes. Emfim, quando a terra se viu coberta por estes corvos negros, eram velhas, casadas, solteiras, todas faziam confissão geral e levavam para o seio das familias o horror de que se achavam possuidas. As raparigas despediam os namorados com desespero e parecia que n'este terror geral se afundava a instituição da familia, o socego do lar, todos os atractivos da vida e todos es sentimentos com que nos aproximamos uns dos outros e nos levam a formar a sociedade.

Pois será bom que estes factos, que já passaram á historia, nos possam servir de desengano, que onde está esta gente está o perigo. Não vos deixeis arrastar mais por esses tonsurados, que só vos querem explorar e embrutecer para conseguirem os seus fins, esmagando aquellos que são fracos de espirito e illudindo os que são susceptiveis do illusão, pois a Natureza creou-nos para iguaes direitos ao respeito uns dos outros e não para sermos considerados escravos d'essa classe que se diz illustrada e privilegiada.

Continuaremos, Quinta do Loureiro, 9 de setembro de 1887. F.

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

Partiu já para Ponta Delgada, onde vae occupar o seu respectivo lugar, o nosso illustre conterraneo sr. dr. Julio Pereira de Carvalho, que conta alli numerosas sympathias.

Recebemos o n.º 1 do Athenou, boletim mensal, litterario,

artístico e noticioso, que principiou a vêr a luz da publicidade em Angra do Heroismo.

Um jornal da Alemanha publicou n'um dos seus ultimos numeros uma gravura que representa um bosque de pinheiros cheio de chalets, destapados n'um dos lados, de maneira que o ar penetra facilmente. Em cada um d'estes chalets vê-se uma cama e em cada cama um doente. E' um hospital de tyxicos, inventção moderna e prodigiosa, segundo dizem os que já a experimentaram.

O auctor d'este novo systema de cura da tísica é um medico de Ituringia. Tem fé absoluta nos effeitos do ambiente dos pinheiros e do ar livre sobre os tyxicos e encontrou uma porção de doentes que se sujeitaram ao seu novo tratamento.

Os enfermos são protegidos do relento da noite apenas por um tecto de madeira. Tossem menos, suam menos e levantam-se mais fortes.

O resultado tem sido tão animador, que o celebre medico está organisando um verdadeiro acampamento florestal de tuberculosos.

N'um dos ultimos dias cahiu d'um pinheiro abaixo, no lugar da Tappa, proximo a Travassó, um rapazito de 9 annos de idade, partindo um braço e fazendo dois ferimentos na testa.

Vagueia entre Elyas, Borba, Villa Vigosa e Extremoz uma quadrilha composta de 30 salteadores, que tem posto em sobresalto os habitantes d'aquellas localidades.

Uma das ultimas proezas d'essa horda: Roubaram 548000 réis a um recoveiro, que faz o serviço entre Elvas e Extremoz, deixando-o na estrada, atado de pés e mãos.

O roubado vinha guiando o seu carro, onde costuma conduzir as encomendas; mas entre Elvas e Villa Roim apeiou-se, por um motivo qualquer, deixando avançar o carro, onde tambem ia uma mulher e um rapaz. N'essa occasião é que seis ou sete homens o accommetteram, despojando-o do dinheiro e deixando-o n'aquelle estado.

Da acreditada livraria Cruz Coutinho, do Porto, recebemos um folheto intitulado Tabella dos emolumentos a cobrar nas secretarias das corporações e tribunaes administrativos. E' um livro util e custa apenas 40 réis.

Vae o annuncio.

De Lisboa recebemos tambem um folheto de 19 paginas, que tem por titulo A falsificação dos adubos — representação dirigida ao governo pela Companhia Real Promotora da Agricultura Portuguesa pedindo uma lei especial contra os falsificadores d'adubos.

No mez de agosto ultimo o imposto do pescado na costa do Furadouro foi de 432229 réis, havendo portanto uma differença para mais de 3418083 réis do que em igual mez do anno anterior.

Dizem da Austria que se achou um meio economico e seguro de combater com successo a phyloxera.

Tres grandes vinhateiros d'este paiz, n'umas vinhas sobre as quaes o terrivel insecto começava a exercer os lugubres estragos, notaram que as vides proximas dos colmos do milho não tinham sido atacadas pelo terrivel parasita, enquanto que um pouco mais longe vides inteiramente analogas, n'um terreno identico, estavam completamente destruidas.

Tiveram, como consequencia, a feliz ideia de plantar aqui e acclá milho nas proximidades das vinhas contaminadas. Resultado excellent.

A phyloxera abandonou as vinhas assim preservadas.

Este facto explicar-se-hia não pela desaparicão do insecto, mas pela preferencia dada ao milho, em virtude da sua substancia ser mais tenra que a da vide.

O meio indicado vae, dizem, ser applicado na Croacia, onde o milho rebenta muito bem.

Lembramos á camara a necessidade de mandar fechar uma porta, que fica logo acima do largo de S. Braz, e que dá para o encanamento da agua que vae para o chafariz da rua da Alfandega. E' conveniente tambem que se proceda á competente limpeza n'aquelle parte do cano, que se acha bastante sujo e cheio de pedras, o que muito concorre para a falta d'agua que actualmente se faz sentir n'aquelle fonte.

E' de esperar que a camara tome isto em consideração.

No dia 29 do corrente começaram os trabalhos da construcção do ramal do caminho de ferro de Santa Comba a Vizen.

Realisou-se ha dias em Pariz a expulsão das irmãs de caridade do hospital La Lariboisière.

A's 5 horas da manhã a superiora das irmãs da ordem de Santo Agostinho veio buscal-as, assim como as noviças, e levou-as em carruagens para o caminho de ferro do norte, d'onde seguiram para a provincia. A's 6 horas vieram 36 enfermeiras tomar conta do serviço do hospital.

Um jornal italiano noticiou ha dias que um pastor fóra devorado por um urso, e que logo os montanhezes organisaram uma batida para o dia seguinte.

O Indicador Saboyano narra que, ao voltarem da caçada, os montanhezes notaram que a mãe do pastor, que acompanhára a batida armada d'uma carabina, não entrara em casa.

Voltaram, pois, á floresta, durante as suas pesquisas toda a a noite, e, pela manhã, encontraram a desgraçada cahida por terra, com os factos despedaçados, os dois braços roídos e o rosto coberto de sangue coagulado, não dando signaes de vida.

A um lado, jazia um urso enorme, com a cabeça esmigalhada pela descarga da carabina, que estava perto.

Soccorros immediatos foram prodigalisados á desgraçada, a quem esperam salvar, ainda que ella não recobrasse a falla.

Todos se perdem em supposição sobre este drama.

A lucta entre a pobre mãe e a fera devia ser terrivel, a julgar pelo triste estado em que se encontra a infeliz.

Na freguezia do Telhado (Famalicão), Joaquina Freitas envenenou com arsenico seu marido Balthazar Joaquim Rodrigues de Oliveira Veiga, ha mezes chegada do Brazil.

Aviso aos fumadores.

O abuso do tabaco pode occasionar perturbacões agudas e chronicas no organismo, de uma gravidade extrema. A maneira de fumar tem uma grande importancia nos effeitos que podem vir a produzir-se. Favarger distingue quatro typos de fumadores, sob este ponto de vista:

1.º—Os que engolem o fumo, ou antes os que o introduzem nos pulmões por inalação. N'este caso a nicotina actua directamente sobre a mucosa pulmonar.

2.º—Os fumadores que se limitam em aspirar o fumo de modo a condnzil-o só até ás primeiras porções da arvore aerea, nos quaes portanto o effeito da nicotina fica circumscripto á pharynge e á larynge.

3.º—Os fumadores que sustentam constantemente o charuto na bocca e portanto engolem uma certa quantidade de saliva nicotizada. N'estes pôde dar-se uma

acção topica da nicotina sobre a mucosa gastrica.

4.º—Finalmente os fumadores que uzam boquilhas não tão limpas quanto o exigiria a hygiene.

Os meios proprios para evitar a nicotisação chronica consistem segundo Favarger:

1.º—Em não fumar nunca em jejum de modo a não permittir á nicotina um effeito directo sobre a mucosa gastrica não recoberta de alimentos. Durante a replecção do estomago a nicotina seria neutralizada pelos acidos de certas substancias ingeridas por occasião das refeições, como o vinho, o café, o chá, etc. Estes acidos são os melhores antidotos contra a nicotina.

2.º—Em não ter sempre o charuto na bocca.

3.º—Em renovar e limpar frequentemente as boquilhas.

4.º—Finalmente em alterar o uso do tabaco forte e fraco de modo a diminuir o mais possível a quantidade de nicotina absorvida.

Realisou-se effectivamente no domingo a annunciada cerimonia da entrega das bandeiras ás duas phylarmonicas da cidade, nos locaes que estavam marcados.

A ambos os actos, que se realisaram sem incidente, assistiu numerosa multidão, queimando-se muito fogo.

A bandeira oferecida á phylarmonica Amisada é de faille azul e branco, franjada de ouro, tendo ao centro uma lyra entre duas palmas e a respectiva dedicatória, bordada a ouro. Está um trabalho bem acabado.

A da phylarmonica Aveirense é de setim azul e branco, com uma rica franja de ouro, tendo a haste de prata. Era apertada por um laço de fita azul, em cujas extremidades havia lyras douradas.

Esta bandeira veio ainda incompleta do Porto, onde foi feita, pois que trazia o centro completamente liso. Segundo nos disseram, voltou já para aquella cidade para concluir o que faltava, isto é, no centro devem ser bordadas a ouro as armas de Aveiro, encimadas com o nome da phylarmonica, e por baixo a data do offerecimento. Depois de prompta deve ser uma bandeira de lindo effeito.

Foi preso ha dias pela policia de Nice o principe circassiano Sergio Kipiani Palonko, que vivia ha tempo n'aquelle cidade.

Este personagem, antes de partir para Nice, tivera em Pariz relações com M.º de Nasimoff, princeza Wiazenski, que ha dias foi julgada pelo crime de extraviar de diversos objectos nos Armazens do Louvre, sendo absolvida. Foi por causa d'uma queixa d'esta mulher que o principe foi preso. Accusa-o de lhe ter roubado um collar de diamantes, que vendeu sem perda de tempo, indo comer para Constantinopla o producto da venda.

Sergio Kipiani Palonko allega que M.º Nasimoff lhe confiara o collar, que elle vendeu, mas com consentimento d'ella e que lhe tinha entregado integralmente o producto da venda.

Em Pariz, para onde o preso ia ser remetido, será posta a limpo esta embrulhada.

O que parece é que accusado-ra e accusado são dignos um do outro.

DESPEDIDA

SIMÃO MONTEIRO DE CARVALHO & C.º, tendo retirado para a praia de Espinho, onde foram abrir a filial da sua casa de modas, na forma dos annos anteriores, despedem-se dos seus numerosos clientes e amigos, offerecendo-lhes os seus serviços n'aquelle praia, onde se conservarão por toda a epocha balnear.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Simão Monteiro de Carvalho & C.º

BIBLIOGRAPHIA

A Martyr. — E' um interessante romance editado pela empreza dos Serões Romanticos. Recebemos o fasciculo 37. Assigna-se em Lisboa na rua da Cruz de Pau, 26. O Camões. — Publicou-se o n.º 12 d'este excellente semanario que ve' a luz da publicidade no Porto. Variado e curioso, como sempre, este numero que traz artigos de Alberto Pimentel e Brito Aranha, poesias, charadas, curiosidades nacionaes, etc. A assignatura para a provincia e apenas de 300 réis por trimestre.

Historia de Victor Hugo. — Sahiu o 23.º fasciculo d'esta obra, de Cristobal Letran, e traduzida por Teixeira Bastos. A Illustração Portugueza. — Recebemos o n.º 40 do quarto anno d'esta revista litteraria e artistica, que continua a ter a melhor accettazione da parte do publico. Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa. O Mundo Elegante. — Publicou-se o n.º 38 d'este magnifico jornal de modas, o unico que em lingua portugueza se publica semanalmente em Pariz, sendo d'alli expedido directamente a todos os seus assignantes.

ANNUNCIOS

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM OFFICINA DE SERRALHERIA

EM AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

A QUEM CONVIER

ARRENDAR-SE uma quinta de 16 alqueires de sementeira, pouco mais ou menos, e casa de habitação, em S. Thiago. A tratar com Maria dos Santos Moreira, em Aveiro.

Casa na Barra para alugar

MANUEL MARIA CALÇÃO tem uma para arrendar durante o mez de outubro. Quem a pretender pode dirigir-se ao mesmo, que habita n'aquelle local.

ANGELO DA ROSA LIMA COM OFFICINA E DEPOSITO DE MOVEIS

Aveiro, Rua dos Mercadores, n.ºs 42, 44, 46, 50 e 52

TEM grande sortido de moveis, taes como: commo-das, meias commo-das, cadeiras de diferentes feitios, mezas de gostos diferentes, camas, lavatorios, toucadores, caixas de cabeceira, cabides etc., etc.

Tem tambem espelhos de crystal em diferentes tamanhos, assim como galerias, epatères e grande sortido de molduras de diferentes larguras em dourado e preto, o que tudo vende por um preço convidativo e sem competidor n'esta cidade.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se a venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883. DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e aprovado nos hospitaes. Acha-se a venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883. Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Agencia Economica, Maritima e Commercial



Passagens nos vapores de todas as Companhias da carreira do Brazil (por preços baratos, sem competencia).

Preços em 3.ª classe para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, incluindo passagem no caminho de ferro e condução para bordo a

28:000 RÉIS

Para o Pará e Manaus sahirá de Lisboa o paquete MANAUENSE, em 14 de setembro. Para o Pará sahirá o paquete LANFRANC, em 26 de agosto.

Manuel José Soares dos Reis

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis. Para informações e contrato de passagens, em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23.

Na rua dos Mercadores, n.ºs 19 a 23, em Aveiro, faz-me-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.



Na rua dos Mercadores, n.ºs 19 a 23, em Aveiro, faz-me-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approved pela junta consuetiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: e' muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou insecção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde e' preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, e' um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das das garrafas devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se a venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

PUBLICAÇÕES

TABELLA DOS EMOLUMENTOS

A cobrar nas secretarias das corporações e tribunaes administrativos, approved por carta de lei de 23 de agosto de 1887 e precedida do respectivo relatório.

Preço, 40 réis; pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas

A LIVRARIA CRUZ GOUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

AGOSTINHO DE CEUTA

DRAMA HISTORICO EM 4 ACTOS

3.ª edição emendada

VENDE-SE na Livraria Cruz Coutinho, editora, — rua dos Caldeireiros — PORTO.

Preço, 240 réis

O Camões SEMANARIO

Romances, contos, viagens, sciencias ao alcance de todos, curiosidades, anedotas, charadas, poesias, actualidades, biographias, revistas de theatro, criticas litterarias, humorismos, cousas uteis, narrativas historicas, leituras de familia, moral e religião, educação, progressos artisticos, maravilhas da industria, commemorações patrias, descrições de monumentos, antigualhas, usos e costumes estrangeiros.

Cada numero consta de quatro paginas, a tres columnas, bom papel e typo. Publica-se aos domingos.

O preço da assignatura para o Porto, e de 15000 réis por anno, 500 réis por semestre e 250 réis por trimestre; para a provincia, 15200 réis por anno, 600 réis por semestre e 300 réis por trimestre. Numero avulso, 20 réis; fóra do dia, 40 réis.

Aos srs. correspondentes na provincia abonar-se-ha a commissão do costume, responsabilizando-se por qualquer numero de assignaturas.

Escriptorio da administração, rua dos Caldeireiros, 250—Porto.

Tambem se recebem assignaturas na Livraria Chardron, Lugan & Geneloux, successores, rua dos Clerigos, 96—Porto.

Edição monumental

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 16 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume. As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição.

A capa em separado custa 500 réis. Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

LOPES & C.ª successores de CLAVEL & C.ª

EDITORES

119, RUA DO ALMADA, 123 — PORTO

EDITORES — BERRM & C.ª

Lisboa, 26, Rua do Marechal Saldanha, 26, Lisboa

AS DOIDAS EM PARIZ

POR

XAVIER DE MONTÉPIN

VERSÃO DE JULIO DE MAGALHÃES

TENDO-SE esgotado a primeira edição d'este romance, um dos melhores de XAVIER DE MONTÉPIN, a empreza, attendendo a que deixou de satisfazer algumas requisições e tambem para annuir aos desejos de muitos dos seus assignantes modernos, resolveu publicar uma nova edição, correcta e augmentada com magnificas gravuras, que comprou ao editor do romance original.

CADA SEMANA UMA ESTAMPA

Brinde a todos os assignantes

Um album com as principaes vistas das cidades e villas do pittoresco MINHO

Recebem-se já assignaturas no escriptorio da empreza

GUIA

DO

NATURALISTA

COLLECCIONADOR, CONSERVADOR E PREPARADOR

POR

EDUARDO SEQUEIRA

Com 73 gravuras e 7 planchas de especimens vegetaes

Um volume brochado, 600 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas.

A livraria—CRUZ GOUTINHO—Rua dos Caldeireiros, 18 e 20.—Porto.

ANGELINA VIDAL

A PROVOCAÇÃO

CARTA AO REI

A proposito do conflicto parlamentar entre o ex-ministro da marinha e o deputado Ferreira d'Almeida. — Preço 60 réis.

BIBLIOTHECA DA MOCIDADE. — Director, — Francisco Silva, — Travessa da Espera, 63—Lisboa.

O MUNDO ELEGANTE

Mensageiro semanal illustrado de modas, elegancia e bom tom

Redacção Litteraria

Directora — Guiomar Torrezão

Secção de modas

Redactora, Blanche de Mirebourg

O preço do MUNDO ELEGANTE é baratissimo, como se pôde ver da seguinte tabella:

- 1.ª edição: Anno ou 52 numeros..... 3\$200
2.ª edição..... 4\$000
3.ª edição..... 4\$800

Publica-se todas as semanas contendo oito paginas de texto e figurinos, e é expedido directamente de Pariz pelo correio a todos os assignantes.

Assigna-se em todas as livrarias; e em Pariz trata-se com o sr. Antonio de Souza, 44, rue du Rocher.